
MUDA-SE DE LUGAR, MANTÉM-SE OS HÁBITOS: ESTUDO SOBRE A FEIRA LIVRE DO BAIRRO DE SÃO JOSÉ– RECIFE/PE

Magali Ferreira de **MENEZES**

Mestra em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável pela Universidade de Pernambuco.
Faculdade de Ciências e Tecnologia prof. Dirson Maciel de Barros – FADIMAB.

E-mail: magalimenezes@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1423-1961>

Fábio José de Araújo **PEDROSA**

Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco e da Universidade Católica de
Pernambuco.

E-mail: fabio.eco@terra.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5386-0424>

Histórico do Artigo:

Recebido

Maio de 2021

Aceito

Junho de 2021

Publicado

Julho 2021

RESUMO: A doença provocada pelo novo coronavírus levou à óbito mais de 500 mil pessoas no Brasil, assim todos os hábitos de limpeza e higiene tiveram de ser revistos. Situação que ocorre lentamente na feira livre de São José- Recife/PE. A pesquisa foi um estudo de caso único, a pesquisa de campo aconteceu entre o dia 1 e 11 de junho de 2021. Entre outros resultados percebeu-se que mesmo como a mudança de local, os feirantes continuaram descartando resíduos no chão ainda que exista coletor próximo. Uma das causas é a ausência de ações de sensibilização ambiental, que contribui para a continuidade do descaso com a saúde pública e com o meio ambiente por parte dos feirantes. Compreendeu-se também que o local precisa urgente da presença dos órgãos sanitários para que haja uma forte ação de sanitização e conscientização dos feirantes sobre as formas de prevenção e contágio do vírus da covid-19.

Palavras-chave: Feira Livre. Educação Ambiental. Higiene. Covid-19.

RESUMEN: La enfermedad causada por el nuevo coronavirus ha provocado la muerte de más de 500 mil personas en el Brasil, así los hábitos de limpieza e higiene tuvieron que ser revisados. Situación que se da lentamente en el mercado de São José- Recife/PE. La

investigación fue un estudio de caso, realizado entre el 1 y el 11 de junio de 2021. Se observó que mismo con el cambio de ubicación, los feriantes continuaron descartando los residuos en el suelo, aunque haya un recolector de basura cercano. Una de las causas es la falta de acciones de sensibilización ambiental, que contribuye para la continuidad del descuido con la salud pública y el medio ambiente por parte de los feriantes. También se comprendió que la ubicación necesita urgentemente la presencia de agencias de salud para que haya acción de sanitización y concientización de los feriantes sobre formas de prevención y contagio del coronavirus.

Palabras-clave: Feria Libre. Educación Ambiental. Higiene. Covid-19.

ABSTRACT: The coronavirus disease has caused the death of more than 500 thousand people in Brazil, which made the cleaning and hygiene habits to be adjusted. It has slowly occurred at the São José's street market, in Recife/PE. This research, which is a single case study, happened between the 1st and 11th of June, 2021. Among other results, it was noticed that although there was a relocation, the market traders kept disposing of the wastes on the streets, even with the existence of trash bins around. One of the causes for this is the absence of actions for environmental awareness, which contributes to the continuous negligence of the traders with public health and the environment. Understandably, there is an urgent need for the market to have the presence of sanitary offices, in order to promote strong sanitization and awareness campaigns related to ways of prevention and infection by the coronavirus.

Keywords: Street market. Environmental education. Hygiene. COVID-19.

INTRODUÇÃO

A Humanidade precisou repensar e mudar os hábitos de limpeza e higiene individual e coletiva de uma forma muito dolorosa a partir do surgimento da covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (sars-cov-2), desde o final de 2019 e que levou à óbito mais de 500 mil pessoas no Brasil (ROCHA, 2021). A mudança na rotina das pessoas incluiu desde o uso máscaras de proteção e higienização das mãos de forma constante até o isolamento social, situação nunca vivida; essa mudança de hábito, imposta pela necessidade de sobrevivência impactou todas as áreas da economia em escala mundial. Assim, diante dessa realidade, pensa-se nas questões sanitárias em todos os segmentos de negócio.

Nesse contexto estão as feiras livres, local geralmente aberto, no qual os profissionais que lá atuam precisam estar em contato direto com dinheiro, frutas, legumes, cereais, sempre envoltos em suor, poeira e gotículas de saliva. Adotar procedimentos higiênicos e sanitários são essenciais para salvaguardar a segurança alimentar tanto na etapa de preparo quanto de comercialização de alimentos prontos (MENDONÇA, XAVIER e OLIVEIRA, 2021). Contudo, pode-se agregar as etapas que antecedem o processo de preparo dos alimentos, o que deveria ter sido intensificado a partir do surgimento do vírus da covid-19.

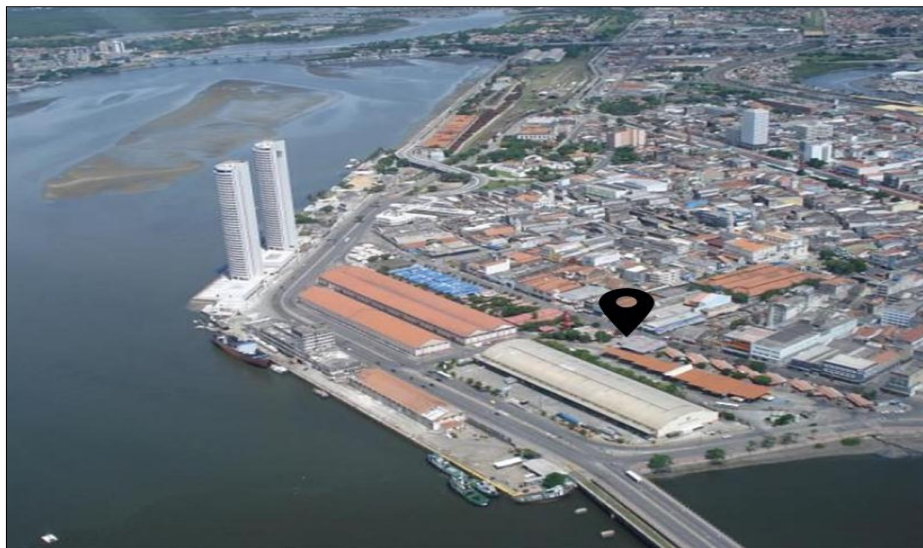
Mascarenhas e Dolzani (2008) e Colla et. al (2014) caracterizam as feiras como um tipo de comércio varejista, que podem ocorrer em locais e dias fixos ou em dias e horários alternados; sem fazer uso de lojas fixas, utilizam bancos e/ou boxes. Considerada como serviço de utilidade pública, são geridas pelos governos municipais; as feiras mais organizadas seguem o mesmo padrão de tamanho e modelo para os boxes e/ou bancas, mas quando não, são de variados materiais, tamanhos e modelos. As feiras ocorrem em vias públicas, terrenos baldios, pátios, praças, entre outros; e possuem 03 classificações distintas: a) feira local ou feira de consumo dos compradores rurais; b) feira de distribuição; c) feira de abastecimento ou feira de consumidores urbanos (FORMAN, 2009).

Por fazer parte do cotidiano urbano ou rural, é importante destacar que no Brasil existiam 5.119 feiras livres, segundo o único censo disponível sobre esse assunto, produzido pelo então Ministério de Desenvolvimento Social (2014); distribuídas em 1.176 municípios, deste total 83% ocorrem com a periodicidade semanal, além de 1.331 feiras agroecológicas ou com produção orgânica em 624 municípios.

Ao considerar essa nova realidade social, percebe-se que tanto os hábitos supracitados como tantos outros já deveriam ter sido incorporados por toda a sociedade. Contudo, essa mudança acontece lentamente, fato que faz lembrar o grande desafio dos cidadãos e do poder público, sobretudo no que diz respeito à limpeza e higiene. Nessa perspectiva, chama a atenção a precariedade das feiras livres, em destaque a feira de São José, objeto do presente estudo.

Para tratar da feira de São José é preciso conhecer o bairro de mesmo nome; localizado no centro da cidade do Recife, um dos mais antigos da capital pernambucana, é considerado como um dos mais importantes para o comércio popular, sendo um lugar lembrado e frequentado ao longo de toda a história da capital pernambucana. A figura 1 apresenta a imagem aérea do bairro, em destaque está o Mercado de São José.

Figura 1: imagem aérea do bairro de São José

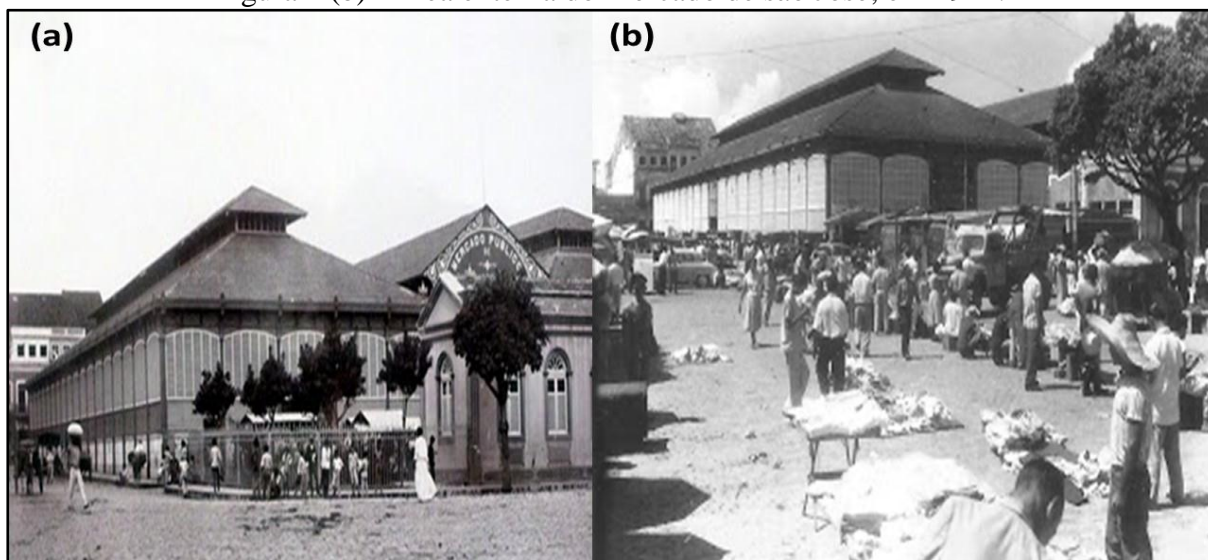


Fonte: Google Earth (2021)

O Mercado de São José tornou-se um dos maiores patrimônios históricos do Brasil no que concerne à arquitetura, bastando visitá-lo para comprovar sua beleza; a estrutura arquitetônica é confeccionada em peças de ferro fundido trazidas de Paris para o Brasil de navio para que fossem montadas no local da edificação. O Mercado está em funcionamento desde 1875 (MENEZES, 2018) quando o perímetro ainda era chamado de “Ribeira do Peixe”. O próprio Mercado de São José foi pensado e edificado para atender a uma necessidade de melhoria da reordenação urbana e melhoria da saúde pública em meio às concepções higienistas do início do século XIX (MELO, 2011).

Figura 2 (a)– Área externa do Mercado de São José, em 1910.

Figura 2 (b)– Área externa do Mercado de São José, em 1941.



Fonte: GASPAR (2021)

A história da feira de São José mistura-se a história do Mercado. A figura 2 “a” e “b”, apresenta a imagem do Mercado em dois momentos distintos, figura “a” apresenta a área externa com o entorno desocupado, a figura “b” mostra a área externa no ano de 1941, com o entorno novamente ocupado pela feira, porém, com poucos resíduos acumulados na via pública. Considera-se como novamente ocupado, pelo fato de que a feira existia antes do mercado ser edificado.

Percebe-se que a necessidade de ordenamento urbano no entorno do Mercado de São José tem como um dos fatores a presença da feira livre, como bem observa Menezes (2019) ao analisar os desafios da coexistência do patrimônio histórico com o comércio ambulante no entorno do Mercado de São José. Tal estudo comprovou que a intervenção do Estado era importante e urgente, haja vista, a desordem, sujeira, assaltos constantes e depredação do patrimônio histórico¹; como pode ser visto nas figuras 3 “a” e “b”.

Figura 3 (a): imagem da feira de São José localizada no entorno do Mercado antes da retirada da feira, em 2019.

Figura 3 (b): imagem aérea do Mercado e feira de São José antes da retirada da feira, em 2019.



Fonte: NE 10 (2019).

A figuras 3 “a”, apresenta o Mercado de São José ao fundo, completamente escondido pelas bancas amontoadas e resíduos espalhados pelo chão. A figura 3 “b”, mostra a imagem aérea do mercado e a feira no seu entorno, composta pelos bancos móveis, barracas fixas (telhados mais baixos); imagem que perdurou por muitas décadas até que houve a mudança da feira para outro endereço em 2019, ainda que já existisse desde 2010 a Lei nº 12.305, a qual

¹ O Mercado de São José é reconhecido como patrimônio histórico pelo Nacional de Patrimônio Imaterial – PNPI desde 1973.

instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) (BRASIL, 2010) orientando para a necessidade de convergência entre governo, iniciativa privada e a sociedade civil organizada (MARCUCCI e BORGES, 2021).

O presente estudo teve como maior objetivo prosseguir com o observatório iniciado em 2017, acerca da educação ambiental nas feiras livres do Recife e região Nordeste. Fato que possibilita a compreensão de que as feiras livres dos locais citados compartilham de bastante similaridade no que diz respeito à gestão pública e à rotina dos feirantes, tanto na geração e descarte de resíduos quanto na limpeza. Nesse instante, com a ótica direcionada para a mudança de endereço da feira livre de São José, ocorrida em 2019, a continuidade dos velhos hábitos de limpeza e higiene dos feirantes que lá trabalham, agora confrontando-os com a nova dinâmica provocada pela pandemia do novo coronavírus.

Percebe-se então, que deve existir se não uma, mas, algumas soluções para resolver tal situação, pois, ao considerar a necessidade urgente por significativa melhoria da consciência ambiental do indivíduo e maior empenho por parte das autoridades no que concerne à busca pela manutenção da saúde coletiva; abre-se espaço para trazer a educação ambiental (EA) para o centro da discussão, como um dos agentes de mudança do comportamento social do indivíduo. Sobretudo, por se tratar de uma mudança que necessariamente ocorre de “dentro para fora” (CAPRA, 1996).

Assim, a partir do que se tem, e consciente de para onde se quer caminhar, a educação ambiental (EA) teve seu marco no Brasil em 1999 por meio da Lei 9.795, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a qual apresenta no seu Art. 1^a o entendimento de que a EA em sua essência representa a concepção por parte do cidadão ou da sociedade sobre o alinhamento entre os valores sociais, conhecimento, habilidades, atitudes e competência voltados para o avanço da preservação do meio ambiente, qualidade de vida e sustentabilidade. Confirma-se tal possibilidade a partir do primeiro objetivo fundamental da EA “o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos” (PNEA, 1999).

"Vivemos no olho de uma crise civilizacional de proporções planetárias. Toda crise oferece a chance de transformação, bem como o risco de um fracasso desolador" (BOFF, 2006), ou seja, as crises mudam de nome, mas não mudam seu propósito.

2 METODOLOGIA

O estudo foi de natureza aplicada e descritiva, e o objetivo foi exploratório. O método escolhido foi qualitativo-quantitativo, sendo um estudo de caso único, com o levantamento de dados realizado por meio de pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo, para fins de realização de entrevistas e observação participante artificial (GIL, 2002, YIN, 2001, MARCONI e LAKATOS, 2010).

A população foi constituída de aproximadamente 150 pessoas, entre feirantes empregadores ou empregados que atuam na feira de São José com a comercialização de frutas, verduras e legumes, especificamente. A amostra foi de 59 feirantes. Foi possível realizar 05 visitas em dias e horários diferentes, a fim de que fosse possível observar o mesmo fenômeno em momentos distintos. As entrevistas e observação *in loco* aconteceram entre o dia 1 e 11 de junho de 2021, e tomaram como base o modelo utilizado por Menezes (2019). Ressalta-se que todas as medidas de segurança sanitária foram devidamente seguidas, portanto, a amostra foi intencional, ao optar-se por abordar apenas os feirantes que estavam fazendo uso de máscara e que se mostraram receptivos à abordagem.

3 ANÁLISE DE RESULTADO

A requalificação da área do entorno do Mercado de São José, ocorrida a partir de 01 de setembro de 2019 foi resultado da indiscutível necessidade de reordenação daquele perímetro, a figura 4 (a) e (b) não deixa dúvida de que a intervenção do Estado era importante e urgente, trouxe benefício tanto para a população, quanto para os profissionais que atuam no mercado e na feira de São José.

Figura 4(a) – Rua do entorno do Mercado de São José ocupada pela feira.
Figura 4 (b)– Rua do entorno do Mercado de São José liberada após a retirada da feira.



Fonte: NE 10 (2019).

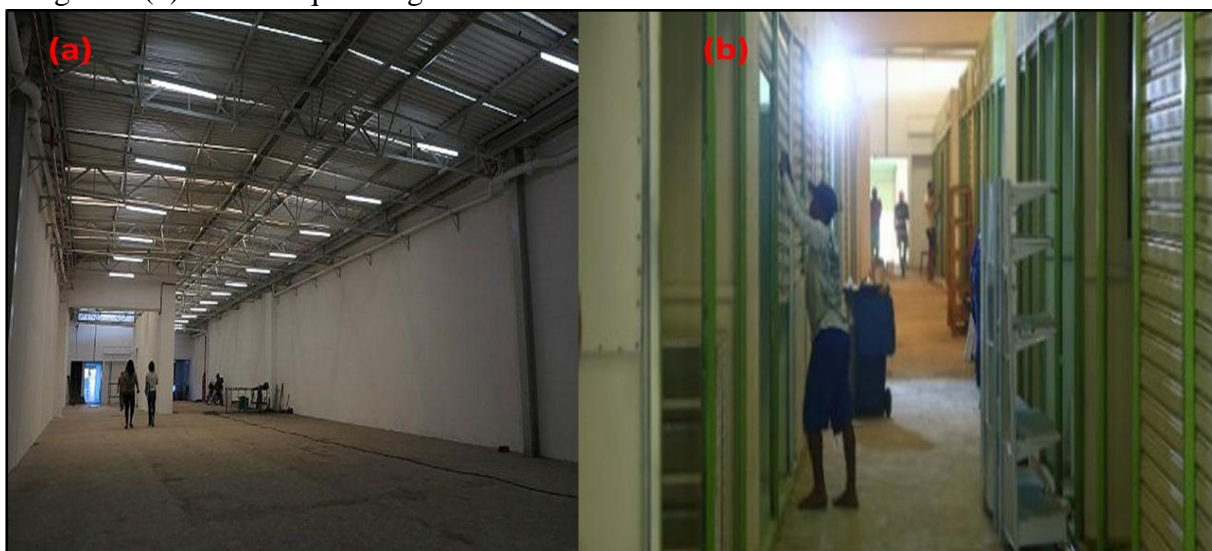
Os autores compreenderam que transcorrido o tempo de ambientação dos feirantes ao novo local de trabalho e às novas regras de convivência social, limpeza e higiene demandadas pelas autoridades sanitárias era possível dar início ao presente estudo.

Dessa forma, observou-se que a feira livre do bairro de São José é fixa, ocorre todos os dias da semana das 06:00 às 18:00h.

Os feirantes fixos foram transferidos para o anexo do Mercado de São José, localizado entre as ruas do Porão e rua do Muniz, imóvel adquirido pela PCR e reestruturado para receber os feirantes. O projeto do anexo estava sendo concebido desde 1989 quando o Mercado foi parcialmente destruído por um incêndio, ou seja, foram preciso três décadas desde o anúncio de que o Mercado precisaria de uma outra área para abrigar a feira até a entrega do empreendimento (DORTA, 2015).

A figura 5 “a” e “b” apresenta imagens internas do anexo em dois momentos, o primeiro deles mostra o espaço sem as divisões dos boxes, e a segunda imagem mostra o espaço completamente dividido em 450 boxes (NE 10, 2019).

Figura 5 (a)– Imóvel que abriga o anexo do Mercado de São José sem as devidas divisões.
Figura 5 (b)– Imóvel que abriga o anexo do Mercado de São José com as devidas divisões.



Fonte: NE 10 (2019).

A prefeitura da cidade do Recife – PCR contabilizou 150 feirantes transferidos para o Centro Comercial de Santa Rita, estruturado com 120 boxes para comercialização de importados, fiteiros e consertos, e mais 150 bancos de ferro para abrigar aqueles que comercializam frutas, verduras, legumes, temperos, entre outros (CAVALCANTE, 2019).

O espaço existe desde 2014 quando passou a receber feirantes transferidos de outros pontos da cidade ao longo do tempo (figura 6 “a” e “b”).

Figura 6(a) – Área reservada aos boxes no Centro Comercial de Santa Rita.

Figura 6 (b)– Área reservada aos bancos no Centro Comercial de Santa Rita.



Fonte: NE 10 (2019).

A pesquisa de campo foi realizada para viabilizar a observação participante artificial, ocorreu em 05 visitas, conforme quadro 03:

Quadro 3- Calendário de visitas ao Centro Comercial de Santa Rita.

Data	Horário	Feirantes entrevistados
01/06/21	0700h	12
02/06/21	12:00h	15
03/06/21	17:00h	10
05/06/21	09:00h	03
11/06/21	15:00	19
		TOTAL: 59

A PCR possui documento orientativo para feirantes sobre o uso do espaço público (MENEZES, 2019), contudo, 38% confirmaram o recebimento de documento contendo as normas e procedimentos de funcionamento do Centro Comercial Cais de Santa Rita.

Em todas as visitas, verificou-se que os feirantes descartam resíduos no chão do Centro Comercial, mesmo existindo coletor de resíduo em distância menor que 05 metros do local do descarte, mas, só há um tipo de coletor disposto, ou seja, não há qualquer possibilidade de praticar a coleta seletiva, confirmando a ausência de tal proposta no projeto de reurbanização implantado pela Prefeitura do Recife.

Figura 8 (a)– Restos de frutas, embalagens e sacos descartados no chão do Centro Comercial.

Figura 8 (b) - Embalagens e sacos descartados no chão do Centro Comercial.

Figura 8(c) –Coletor de resíduo – único modelo disponibilizado pela PCR.



Fonte: os autores (2021).

Dos 59 feirantes entrevistados, 65% deles informaram que se reconhecem como sendo do gênero masculino e 35% do gênero feminino. Todos eles residem na região metropolitana do Recife. A idade dos feirantes distribuiu-se da seguinte forma: 22% pertencem a faixa de idade entre 51 e 60 anos, 38% têm entre 41 e 50 anos, e 40% possuem mais de 60 anos. Sobre o grau de instrução: 58% não concluíram o ensino fundamental, 4% não sabem ler e/ou

escrever e 38% não concluíram o ensino médio. No que se refere ao tempo de atuação na feira de São José ou em outras feiras: 42% atuam entre 21 e 25 anos, 24% trabalham a mais de 30 anos e 34% responderam que atuam em feira livre entre 16 e 20 anos. Todos os entrevistados trabalham na feira de São José todos os dias da semana, nos turnos manhã e tarde, 15% deles estendem o horário até a noite (máximo até 20h), e em 100% da amostra respondeu que existe vínculo familiar entre eles e as pessoas que trabalham no mesmo banco.

A Prefeitura não realizou a entrega de cestos de lixo para uso individual para cada banco, logo, os feirantes encontram qualquer tipo de utensílio que substitua o lixeiro (balde, caixa, saco de *nylon*, sacola plástica, bacia, caixote), retratados na figura 8 “a, b e c”.

No que está relacionado ao descarte de resíduo no chão, todos responderam que não realizam, mesmo sendo confirmado por meio de observação que tal ato é praticado de forma visível e constante, sustentado assim o ato de descuido com a saúde individual, coletiva e com o meio ambiente.

Quando perguntados se sabem quem é o feirante responsável pelo descarte indevido de resíduos, eles dizem que não estavam no local no momento do descarte ou ainda se quer, perceberam o descarte indevido.

Diante da crescente pressão social por ambientes mais salubres, as feiras livres seguem sua saga por uma mudança drástica nos aspectos de limpeza e higiene, algo confirmado pela figura 9, que reforça o entendimento de MENEZES (2019) de que a ausência de ações de sensibilização ambiental contribui para a continuidade do descaso com a saúde pública e com o meio ambiente por parte dos feirantes, é algo natural no entendimento destes.

Figura 9 (a)– Balde substituindo o lixeiro.

Figura 9 (b) – Descarte de resíduos na área interna do Centro Comercial.

Figura 9(c) –Descarte de resíduos na calçada do Centro Comercial de Santa Rita.



Os 59 entrevistados mais uma vez formaram uma opinião única ao acreditarem que se o Centro Comercial estiver limpo tornará o local mais atrativo e conseqüentemente mais “fregueses” irão comprar seus produtos.

No que diz respeito à manutenção necessária para a limpeza e organização do próprio espaço, 28% dos entrevistados informaram que não limpam seus bancos, verbalizaram que “tem os varredores da prefeitura para fazer a limpeza, eles não precisam limpar nada”. Cabe ressaltar que esses respondentes se mostraram revoltosos com a transferência do entorno do mercado para o Centro de Comercial. 59% responderam que limpam seus espaços, e 13% optaram por não responder, mesmo quando a pesquisadora informou que faltava responder aquela pergunta.

Quadro 04 – O que é meio ambiente, na percepção dos feirantes da Feira de São José.

Expressões	Quant.	Algumas das Respostas dos Feirantes
Lei	15	“Se destruir tem que ser preso” (Feirante 31) “Tem lei pra cuidar, é tudo o que a gente planta pra comer” (Feirante 12)
Natureza	38	“A natureza, a amazona ” (Feirante 30) “A floresta amaizonica” (Feirante 14) “Os passarinho, os campo” (Feirante 39) “A água, o ar, as borboletas” (Feirante 17) “A gente consome todo dia, é o leite, é o pão, é o fumo de rolo” (Feirante 35)
Tá se acabando	06	“daqui um tempo não tem mais, tá se acabando...” (Feirante 12) “tá se acabando, o home só sabe destruir...” (Feirante 29)

Fonte: elaborado pelos autores.

A coleta seletiva é algo desconhecido para 75% dos feirantes entrevistados, 25% responderam que sabem do que se trata, mas não realizam por não saberem como segregar os resíduos. O conhecimento sobre reciclagem é algo que acompanha o mesmo percentual da pergunta anterior. 75% versus 25%. Em relação à importância de cuidar do meio ambiente, 100% responderam que sim, é importante ou muito importante cuidar do meio ambiente; porém nenhum dos feirantes respondentes separa os resíduos ali no novo local de trabalho.

Para preservar as pessoas contra a contaminação pelo vírus da covid-19 se faz necessário que haja o distanciamento social, uso de máscara de proteção e higienização das

mãos de forma constante. Contudo, não foi isso que foi verificado nas 05 visitas realizadas ao Centro Comercial de Santa Rita.

Os feirantes desconsideram a possibilidade de risco de contágio pelo vírus diante da proximidade entre eles nas diversas rodas de conversa, no consumo de alimentos com as mãos sujas, na troca frequente de dinheiro tanto em papel quanto em moeda, no compartilhamento de utensílios de trabalho como facas, baldes, bacias, pás, vassouras, entre outros. Eles ainda compartilham garfos, facas e copos, além do manuseio de frutas, verduras e legumes. Atitudes que se opõem ao entendimento de Leimig, Xavier e EL-Deir (2021, pg. 140), no qual cita que “assim como os alimentos, o ambiente e os utensílios usados também podem estar contaminados e, por isso, devem ser higienizados, visto que em toda a cadeia produtiva e nos processos de preparo de alimentos pode ocorrer o contágio, especialmente nas superfícies e utensílios”.

Ao serem indagados se o vírus da covid-19 pode ser transmitido por meio do contato direto com os material e utensílio, eles responderam que sabem, mas que tomam os devidos cuidados.

Os entrevistados informaram que receberam orientações sobre a prevenção contra o vírus da covid-19 em duas oportunidades distintas em 2020. Transcorridos 06 meses do ano de 2021, e não houve renovação dessas orientações, como também, a fiscalização para o uso de máscara não ocorre.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só houve a mudança de lugar, os hábitos continuaram os mesmos, a julgar pelos vários flagrantes de atitudes contrárias dos feirantes sobre higiene, limpeza, combate ao vírus da covid-19 e respeito ao meio ambiente. Esperava-se que essa mudança de local pudesse servir também para expandir a consciência ambiental daqueles que de lá retiram o seu sustento diariamente.

Confirma-se por meio desse estudo que o poder público é o detentor de maior conhecimento técnico, além do poder de agir, face à necessidade de melhoria na consciência ambiental da população.

A concepção do projeto executado pela Prefeitura da cidade do Recife contemplou prioritariamente a reordenação urbana, contudo, perdeu-se uma excelente oportunidade de sensibilizar ambientalmente os feirantes, eles desconhecem o caos ambiental no qual vivem.

É necessário e urgente que os feirantes conheçam mais sobre o gerenciamento de resíduos e o quanto isso é importante para as feiras livres. Então, se houvesse uma visão holística da gestão pública local sobre esse tema, poder-se-ia desenvolver o projeto de reordenamento da área do entorno do Mercado de São José com a requalificação da feira de forma mais efetiva no campo social, ambiental e econômico.

Dessa forma, é imperioso saber, se o projeto não contemplou a temática ambiental até essa etapa, quando irá contemplar?

Tendo em vista que se mudou de lugar, mas manteve-se os velhos hábitos. Para estudos futuros é relevante compreender: até quando os projetos concebidos, desenvolvidos e implantados para requalificar as feiras livres do Recife deixarão de contemplar a sensibilização e educação ambiental dos feirantes?

Compreendeu-se também que o Centro Comercial de Santa Rita é um local que precisa da presença urgente e efetiva dos órgãos sanitários, para que haja uma forte ação de sanitização e conscientização dos feirantes sobre as formas de prevenção e contágio do vírus da covid-19.

REFERÊNCIAS

BANHOLZER, M. Entorno do Mercado de São José ganha cara nova com saída de barracas. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/09/01/entorno-do-mercado-de-sao-jose-ganha-cara-nova-com-saida-de-barracas-387135.php>. Acesso em: 07 maio 2021.

BOFF, L. Duas utopias urgentes para o século XXI. In: SUSIN, Luiz Carlos et al. (Org.). Teologia para Outro Mundo Possível. São Paulo: Paulinas, 2006. P. 239-244.

_____. **Lei nº. 9.795** de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 07 maio 2021.

_____. **Lei nº. 12.305** de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social. Pesquisa Sobre Segurança Alimentar e Nutricional Começa em Agosto, 2015. Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/ferramentas/docs/MapaSAN_final.pdf. Acesso em: 24 mai 2021.

CAPRA, F. A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAVALCANTE, D. Feira livre do entorno do Mercado de São José vai para o Cais de Santa Rita. Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/08/feira-livre-do-entorno-do-mercado-de-sao-jose-vai-para-cais-santa-rita.html>. Acesso em: 28 mai 2021.

COLLA, C.; STADUTO, J. A. R.; ROCHA JÚNIOR, W. F.; RINALDI, R. N. Escolha da Feira Livre como Canal de Distribuição para Produtos da Agricultura Familiar de Cascavel, Estado do Paraná. Revista Informações Econômicas. SP, v.38, n.2, fev. 2008. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/ie/2008/tec1-0208.pdf>. Acesso em: 19 mai 2021.

DORTA, R. Abertura de anexo do Mercado de São José prevista para este semestre. Disponível em: <http://falhistoria.blogspot.com/>. Acesso em 30 mai 2021.

FORMAN, S. Camponeses: sua participação no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Bibliografia. pp. 287-309. ISBN: 978-85-7982-002-1. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/c26m8/pdf/forman-9788579820021-08.pdf>. Acesso em: 23 mai 2021.

GASPAR, L. Mercado de São José. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em 30 mai 2021.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa - 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>. Acesso em 30 mai 2021.

LEIMIG, M. O.; XAVIER, A. B. A. C.; EL-DEIR, S. G. Evidências Científicas para Higienização de Alimentos Durante e Após a Pandemia Covid-19 no Consumo In Natura. Sustentabilidade e Resíduos Sólidos Urbanos no Cenário da Pandemia da Covid-19. Resíduos sólidos e COVID-19 / Soraya Giovanetti El-Deir (org.). - 1. ed. - Recife: EDUFRPE e Gampe/UFRPE, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUCCI, J. C.; BORGES, A. C. G. Sustentabilidade e Resíduos Sólidos Urbanos no Cenário da Pandemia da Covid-19. Resíduos sólidos e COVID-19 / Soraya Giovanetti El-Deir (org.). - 1. ed. - Recife: EDUFRPE e Gampe/UFRPE, 2021.

MASCARENHAS, G., & DOLZANI, M. (2008). Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. *Ateliê Geográfico*, 2(2), 72-87. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/4710>. Acesso em: 29 mai 2021.

MELO, M. C. L. A relação dos mercados públicos de São José e da Boa Vista com a Cidade do Recife entre 1820 e 1875. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3323>. Acesso em: 20 mai 2021.

MENDONÇA, A. T.; XAVIER, A. B. A. C.; OLIVEIRA, D. A. Higienização de Alimentos para o Aproveitamento Integral e Segurança Sanitária no Combate a Covid-19. Resíduos sólidos e COVID-19 / Soraya Giovanetti El-Deir (org.). - 1. ed. - Recife: EDUFRPE e Gampe/UFRPE, 2021.

MENEZES, M. F.; BARROS, A. M. P.; PEDROSA, F. J. A. Os Desafios da Coexistência do Patrimônio Histórico com o Comércio Ambulante no Entorno do Mercado de São José, Recife (PE) In: *Ensaio Sobre o Desenvolvimento Local Sustentável*. 303 Ed. RECIFE: EDITORA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – EDUPE, 2018, V.01, P.142-156. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334974716_ensaios_sobre_o_desenvolvim_dese_local_sustentavel. Acesso em: 15 mai 2021.

_____. Subsídios para a implantação dos 5R's da sustentabilidade na feira livre de Afogados-Recife/PE. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável da Universidade de Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://w1.solucaoatrio.net.br/somos/upe-gdls/index.php/pt/mestrado-profissional/dissertacoes-mestrado-profissional>. Acesso em 20 mai 2021.

_____. Centro Comercial Cais de Santa Rita está funcionando; veja horários. Disponível em: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/tv-jornal-meio-dia/2019/09/02/centro-comercial-cais-de-santa-rita-esta-funcionando-veja-horarios-175498>. Acesso em 30 mai 2021.

ROCHA, L. Brasil ultrapassa a marca de 500 mil mortos pela Covid-19. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/06/19/brasil-ultrapassa-a-marca-de-500-mil-mortos-pela-covid-19>. Acesso em: 20 jun 2021.

Yin, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.